

Actas do 13º Congresso Nacional de Psicologia da Saúde

Organizado por Henrique Pereira, Samuel Monteiro, Graça Esgalhado, Ana Cunha, & Isabel Leal

30 de Janeiro a 1 de Fevereiro de 2020, Covilhã: Faculdade de Ciências da Saúde

NARRATIVAS DE ESTUDANTES DE PSICOLOGIA: SIGNIFICANDO O CONSUMO DE SUBSTÂNCIAS PSICOATIVAS

Francisco Bento da Silva Filho¹, Marcela de Almeida Figueredo¹, Alícia Karine Oliveira Lopes¹, Cauê Pinheiro Costa de Alencar¹, & Liana Clébia de Moraes Pordeus¹

¹Universidade Federal da Paraíba, Brasil

O consumo de substâncias psicoativas (SPAs) está culturalmente ligado a contextos e momentos diversos da vida humana, não se restringindo a fatores ligados à criminalidade, no caso de ilícitas, ou fármaco-mercado-lógicos, no caso de medicamentos (Gil & Ferreira, 2008). Religiosidade, recreação, geração, dentre outros elementos, expressam a variação de aspectos relacionados ao sentido e à compreensão do uso dessas substâncias. Como pontuam esses autores, as drogas estão nas culturas e “não podem ser entendidas fora delas” (p. 11). Assim, a história do consumo de SPAs é acompanhada, como também acompanha o curso da humanidade e consiste em um fenômeno multifacetado.

No âmbito acadêmico, a realidade brasileira aponta consumo de SPAs entre jovens universitários maior que seus pares da população geral (Brasil, 2010). É o resultado de pesquisa publicada em 2013, que objetivou comparar o uso de drogas entre graduandos brasileiros e a população geral nacional, bem como com acadêmicos norteamericanos, para identificar possíveis diferenças de uso por motivos culturais (Eckschmidt et al., 2013). O estudo mostrou consumo distinto entre os sexos, no meio acadêmico, tendo os homens uso mais frequente de maconha que mulheres de igual faixa etária. A frequência também foi maior entre universitários estadunidenses do sexo masculino, comparada a estudantes do sexo feminino. De forma geral, os percentuais norteamericanos superaram os brasileiros, exceto para inalantes, cujo consumo por brasileiros foi quase duas vezes maior.

A atenção para esse tema é, portanto, de suma relevância social, científica, política e cultural, visto alcançar diversos segmentos da sociedade.

E, considerando que a experiência com as SPAs, embora um fenômeno coletivo, adquire sentidos individuais, esta pesquisa voltou-se para a compreensão do significado do consumo de SPAs na vida de estudantes do curso de Psicologia da Universidade Federal da Paraíba – UFPB. Para tanto, efetivou a análise e compreensão de narrativas, os significados e os sentidos do uso de substâncias psicoativas entre os universitários supracitados.

Para os fins colimados nesta pesquisa, considera-se substância psicoativa (SPA) qualquer substância (natural ou sintética, lícita ou ilícita) cuja química cause reações no sistema nervoso central e, conseqüentemente no estado natural do indivíduo. A experiência diz respeito a tudo que se passa no organismo do usuário, em qualquer momento. “A noção de experiência engloba, pois, tanto os acontecimentos de que o indivíduo é consciente quanto os fenômenos de que é inconsciente” (Rogers & Kinget, 1975, p. 161). Significa, pois, tudo o que integra a existência do ser, sejam fenômenos dos quais tem consciência, ou os significados de compreensão pouco clara, mas que participam da construção de como e quem a pessoa é.

Adotou-se a metodologia de pesquisa qualitativa de cunho fenomenológico. A fenomenologia “é denotada como o discurso sobre aquilo como é”, portanto, “procura ver as coisas como se mostram para caracterizar o ser em sua unidade essencial e básica” (Buffon; Martins, & Neves, 2017, p. 3). Nessa configuração, é preciso “desvendar o fenômeno para além da aparência, apegando-se não aos fatos em si mesmos, mas sim aos seus significados, objetivando por a descoberto os sentidos menos aparentes, aqueles mais fundamentais do fenômeno” (Aguiar, 2004, p.15).

Acessou-se as experiências através da técnica da narrativa, consistindo em um meio de abordar e compreender a experiência de alguém, possibilitando-lhe comunicar seu vivido. Não explica ou informa algo, mas dá vazão aos sentidos de uma experiência, nessa postura que, fenomenológica, coloca em segundo plano as teorias preexistentes sobre o fenômeno estudado (Silva & Silva, 2014).

MÉTODOS

Participantes

Na primeira fase do estudo buscou-se informações junto à Coordenação do Curso de Psicologia da UFPB, na data de 28 de fevereiro de

2019, constavam 453 estudantes com matrícula ativa. Na mesma data, foi possível obter também a relação de disciplinas ofertadas no referido semestre letivo, o que possibilitou elaborar um levantamento das disciplinas do primeiro ao último ano de curso. Após autorização da Coordenação, aplicou-se o questionário ASSIST tendo sido finalizado o banco de dados, iniciou-se o contato, por e-mail, com os participantes que se dispuseram a participar da segunda fase da pesquisa. Agendadas as sessões de entrevista, as coletas das narrativas foram realizadas na Clínica-Escola de Psicologia da UFPB, local apropriado para a atividade, em virtude de oferecer um espaço seguro e adequado para a manutenção do sigilo e proteção das experiências narradas. Mediante autorização da Clínica-Escola de Psicologia da UFPB, foram utilizadas as salas de atendimento do referido local para a coleta das narrativas.

Participaram desta segunda fase da pesquisa sete estudantes do curso de Psicologia da UFPB, sendo cinco do sexo feminino e dois do sexo masculino. Houve participação de pessoas matriculadas entre os primeiros e últimos períodos de graduação.

Material

Utilizou-se o ASSIST (*Alcohol Smoking and Substance Involvement Screening Test*), que contém oito questões sobre nove classes de substâncias psicoativas (tabaco, álcool, maconha, cocaína, estimulantes, sedativos, inalantes, alucinógenos, e opiáceos) abordando a frequência de uso, na vida e nos últimos três meses, problemas relacionados ao uso, preocupação a respeito do uso por parte de pessoas próximas ao usuário, prejuízo na execução de tarefas esperadas, tentativas sem sucesso de para ou reduzir o uso, além do sentimento de compulsão e o uso por via injetável. Junto com este, os participantes responderam a um Questionário Sociodemográfico, além de assinarem o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Esta etapa representou a coleta de dados para fins de estudo epidemiológico, objeto da parte quantitativa da pesquisa.

Com o objetivo de acessar a experiência dos participantes, na segunda fase da pesquisa e objeto do presente texto, foi utilizada uma entrevista semi-estruturada com uma pergunta disparadora, nos seguintes termos: “O que você pode dizer sobre o uso de substância psicoativas a partir da sua experiência pessoal?”.

Procedimento

Para registro das narrativas foi utilizado o recurso de gravação de aparelho telefônico móvel, posteriormente repassado o áudio para o computador, para escuta e transcrição. Os participantes assinaram um Termo de Consentimento para Gravação, autorizando o registro. Também foi utilizado um Diário de Campo registro das atividades realizadas ao longo da pesquisa, tanto durante a preparação para aplicar os instrumento, quanto durante a realização da coleta de dados.

Tratamento de dados

A pesquisa fenomenológica volta-se para a experiência do sujeito, “uma vez que tal perspectiva enfatiza a dimensão existencial do viver humano e os significados vivenciados pelo indivíduo no seu estar-no-mundo” (Dutra, 2002, p. 372). Nesse tipo de pesquisa, a metodologia traça um caminho de compreensão e não de explicação. Compreender significa ver a experiência do modo particular como ela acontece para cada pessoa. A partir das narrativas completas, transcritas, elaborou-se uma síntese compreensiva de cada uma, de forma a contemplar a experiência vivenciada e narrada, e o significado a ela atribuído. Em seguida, captados os sentidos para cada participante, em Unidades de Significado, passou-se a uma compreensão comparativa, buscando perceber elementos convergentes e divergentes entre as experiências desses estudantes. Isso possibilitou a construção de cinco Eixos de Sentido, ou Categorias, como denomina Bastos (2017), neles agrupando as referidas Unidades de sentido. As narrativas estão apresentadas como “N”-N1 a N7.

RESULTADOS

Intenta-se apresentar os resultados por tópicos que foram configurados como eixos de sentidos a partir da análise das narrativas, a saber: (1) Relação pessoal com substâncias psicoativas; (2) Relações interpessoais e o consumo de substâncias psicoativas (3) Motivação para consumir ou não substâncias psicoativas; (4) Significado da experiência com substância

psicoativa específica; (5) Percepção do consumo de substâncias psicoativas.

Percebeu-se os sentidos da *relação pessoal* dos alunos com as SPAs, percepções de si em relação ao consumo e como isso perpassa suas histórias de vida e subjetividade. Nessa direção, a literatura (Costa et al., 2017) indica a adolescência como o momento de primeiro contato com SPAs, como é claro na fala do(a) entrevistado(a) abaixo:

Na adolescência eu já fazia uso recreativo de álcool [...] meu primo tinha começado a fumar cigarros, e me chamou [...] nessa mesma época [...] fez um baseado, assim, bem “pastel”, numa folha de papel de caderno[...] foi a minha primeira experiência, acho que eu tinha quinze ou dezesseis (N3).

No que pertine às *relações interpessoais e o consumo de substâncias psicoativas*, foi possível reconhecer na fala dos entrevistados a influência de grupos de pertença como a família e o grupo de iguais: “Então, assim, esse contexto de drogas lícitas era familiar pra mim [...] Bebida era familiar no contexto social, era sempre comum” (N4). A família tem participação especial no desenvolvimento de uma pessoa, as relações desse ambiente influenciam diretamente na experiência de seus membros. Sendo, assim, abuso de álcool e uso de drogas no meio familiar também têm associação com os primeiros consumos por adolescentes (Calado, 2013; De Araújo et al., 2013). Comumente SPAs fazem parte dos grupos com os quais o indivíduo se identifica (De Araújo et al., 2013), dessa forma, outra influência vem das relações de amizade, tanto pelo desejo de dividir as experiências de consumo, quanto por pressão para pertencimento grupal. Fator presente no recorte seguinte: “Eu acho que eu comecei a usar mesmo, de verdade, SPAs, depois que entrei pra universidade, depois que eu vim pra João Pessoa [cidade]” (N4). Outros estudos (Costa et al., 2017) indicam o aumento do consumo de tabaco e de álcool (no caso deste, de forma abusiva) a partir do ingresso na graduação.

Em relação à *motivação ou não para o consumo de substâncias psicoativas*, entende-se que o consumo de SPAs envolve uma diversidade de questões como liberdade, sofrimento, prazer, curiosidade, transcendência, sociabilidade e outros (De Araújo et al., 2013; Silva, 2012). Sentidos que foram apresentados pelos participantes como motivadores para o consumo: “Eu comecei a usar por curiosidade” (N5).

Eu deixo pra fumar depois [...] é uma recompensa, um luxo pelo estresse [...] esqueço o mundo, os problemas, quando eu to chapada, que eu tou só ali, com meus amigos [...] eu acho que eu não iria aguentar tá aqui, pressão de universidade, pressão de família, problema pessoal [...] com certeza aguentaria, só que depois que eu comecei a fumar ficou muito mais fácil (N4).

Os discursos que expuseram o *significado da experiência com substância psicoativa específica*, contemplam os sentidos ligados ao uso de determinadas substâncias e sua repercussão na vida dos participantes.

Sempre to nisso, sabe, de querer fumar e ai às vezes eu recorro ao baseado, pra saciar essa minha vontade mesmo de fumar e não recorrer ao cigarro [...] prefiro acender o baseado [gíria utilizada para cigarro à base de maconha] do que acender o cigarro [...]. Ter parado de fumar [...] foi uma coisa muito boa pra mim (N1).

Eu gosto muito de fumar antes, tipo ler, ver um filme, fazer algum trabalho manual, tipo, sei lá, lavar a louça, arrumar a casa, fazer uma faxina (N1)

A maconha me deixa muito criativa, ela me ajuda a estudar, inclusive certas coisas eu só consigo estudar quando eu tou chapada (N7).

Já conheci outros amigos [...], que ficavam extremamente loucos, tipo, com um baseado. [...] Todo mundo ficava tranquilo e aquele único amigo que ficava, tipo, transtornado e sempre dava problema. Então, tipo, pra ele a maconha era diferente, não era legal (N1).

Ainda analisando significado do consumo de substâncias psicoativas específicas, estudo com estudantes da Universidade de Lisboa – PT apresentou dados sobre a relevância do contexto universitário para o consumo de substâncias psicoativas, lícitas ou ilícitas, destacando o consumo de álcool e os estados de embriaguez mais frequentes entre os universitários, em comparação com a população em geral (Silva et al., 2015).

A gente usa tantas outras coisas muito piores, como [...] o próprio álcool, que é muuuito mais danoso em qualquer aspecto comparado com maconha e é liberado [...] (N3).

Acho que o álcool é a pior, de todas, não só pra mim, mas todas as pessoas que eu me relaciono, que usam qualquer tipo de droga, sempre falam que o álcool é a mais prejudicial de todos os sentidos (N5).

Por fim, em termo da *percepção do consumo de substâncias psicoativas*, os participantes relatam como suas experiências contribuem para a percepção que vêm construindo sobre as SPAs.

Eu tenho certeza que entre eu e outras pessoas, eu não seria escolhida pra ganhar uma bolsa num projeto [...]. Por esse motivo, e eu não acho isso legal, mas isso é o único ponto negativo [...]. Uma questão social, né... Um estereótipo social (N4).

Penso que deve haver legalização e regulamentação para qualquer droga [...] Talvez o termo ‘droga’ eu acho muito pejorativo e estereotipado [...] a gente atribui a substâncias de uso recreativo, e não lembra que a gente vai na farmácia comprar droga, que o médico prescreve [...] às vezes são mais danosas do que você fazer uso de substâncias recreativamente [...] digo isso porque eu faço o uso de antibiótico com uma certa frequência [...]. Se é pra ser droga, então que tudo seja [...] seja regulamentada e que se possa discutir a respeito (N3).

Atente-se para a presença de sentidos ligados à vivência universitária em todos os Eixos. Circundado de diversas mudanças, pessoais e sociais, o ingresso acadêmico trata-se, em geral, de uma transição de saída do Ensino Médio e início dos primeiros passos para a vida profissional. Para alguns, soma-se morar em outra cidade, além das novas exigências inerentes à graduação e a assunção de outras responsabilidades.

DISCUSSÃO

Os achados da pesquisa mostram que elementos circunstanciais diversos estão ligados ao consumo de substâncias psicoativas e que diferentes significados surgiram para cada experiência, ainda que se assemelhem em alguns aspectos.

Foi possível perceber a multiplicidade de sentidos que a experiência com o uso e consumo de substâncias psicoativas pode proporcionar, e que se trata de algo singular e fluido, adquirindo significados que podem mudar ao longo da vida. Assim como se expressa a existência do ser, “fluida, processual, semelhante e distinta de todos os outros, o que exclui a possibilidade

de explicá-lo através de verdades estáticas e aplicáveis a todos os outros seres” (Dutra, p. 377, 2002).

Os achados indicam que a pesquisa alcançou o objetivo de compreender os sentidos que a experiência com substâncias psicoativas proporcionam na vida de quem as consome, a partir das narrativas de estudantes universitários do curso de Psicologia da UFPB. A diversidade de repercussões, efeitos, entendimentos e sentidos em torno da droga acompanha e reflete a amplitude de seus contextos de existência e uso. Com isso, destaca-se, também, a importância de contribuições multidisciplinares para a compreensão do fenômeno, considerando uma perspectiva mais ampliada, ou várias perspectivas, para abordar o consumo de substâncias psicoativas e refletir acerca das motivações desse público consumidor. Por fim, acredita-se ser factível a contribuição da presente pesquisa na redefinição da maneira como o tema é abordado e de como as intervenções com o intuito de promoção de saúde são realizadas.

REFERÊNCIAS

- Aguiar, E. (2004). *Desenho livre infantil: Leituras fenomenológicas*. Rio de Janeiro: E- Papers.
- Alcântara da Silva, P., Borrego, R., Ferreira, V. S., Lavado, E., Melo, R., Rowland, J., et al. (2012). *Consumos e estilos de vida no ensino superior: O caso dos estudantes da ULisboa-2012 (Estudos – SICAD)*. Lisboa.
- Bastos, C. C. B. C. (2017). Pesquisa qualitativa de base fenomenológica e a análise da estrutura do fenômeno situado: Algumas contribuições. *Revista Pesquisa Qualitativa*, 5(9), 442-451.
- Brasil. (2010). Ministério da Justiça. Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas. In A. G. Andrade, P. C. A. V Duarte, L. G. Oliveira (Orgs.), *I Levantamento nacional sobre o uso de álcool, tabaco e outras drogas entre universitários das 27 capitais brasileiras*. Brasília: Senad.
- Buffon, A. D., Martins, M. R., & Neves, M. C. D. (2017). *A fenomenologia como procedimento metodológico em pesquisa qualitativa na formação de professores*. Trabalho apresentado no XI Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências, Florianópolis, SC.

- Calado, V. G. (2013). Novas substâncias psicoativas. O caso da salvia divinorum. *Journal of Drug Education, 38*.
- Costa, M. B., Martins, M. J. D., Proença, A. J., & Silva, A. M. (2017). Crenças e atitudes de estudantes do ensino superior associadas ao uso de substâncias psicoativas. *Psychologica, 60*(1), 19-37.
- Dutra, E. (2002). A narrativa como uma técnica de pesquisa fenomenológica. *Estudos de psicologia, 7*(2), 371-378.
- De Araújo, L. F., Sá, E. C N., Amaral, E. B., De Azevedo, R. L., W., & Lobo Filho, J. G. (2013). Estudo psicossocial da maconha entre adolescentes do Arquipélago de Fernando de Noronha-PE. *Psico, 44*(2), 160-166.
- Eckschmidt, F., Andrade, A. G., & Oliveira, L. G. (2013). Comparação do uso de drogas entre universitários brasileiros, norte-americanos e jovens da população geral brasileira. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria, 62*(3), 199-207. doi.org/10.1590/S0047-20852013000300004
- Gil, G., & Ferreira, J. (2008). Apresentação: A cultura, o estado e os diversos usos das “drogas”. In B. C. Labate, S. Goulart, M. Fiore, E. MacRae, & H. Carneiro (Orgs.), *Drogas e cultura: Novas perspectivas* (pp. 9-13). Salvador: EDUFPBA.
- Rogers, C. R., & Kignet, G. M. (1975). *Psicoterapia e relações humanas* (Vol. 1). Belo Horizonte: Interlivros.
- Silva, L. V., & Silva, S. S. (2014). Uma abordagem fenomenológica na compreensão da mediunidade. *Interações, 9*(16), 266-292.